

As culturas indígenas na literatura infantil e juvenil brasileira

Indigenous cultures in brazilian children's and young adult literature

Lucilene Rezende Alcanfor

Jorge Garcia Basso

Cecília Costa Moreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB -BA)

São Francisco do Conde – BA

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa que localizou e catalogou 194 títulos de obras literárias infantis e juvenis que abordam temas relacionados às culturas indígenas, produzidas desde os anos 1980 até 2024 no mercado editorial brasileiro. O estudo organizou um banco de dados digital que reuniu um conjunto variado de títulos e autores publicados nas últimas quatro décadas. Essa produção literária destinada às crianças e jovens fez emergir no chão da escola diferentes sujeitos, historicidades e visões de mundo que foram historicamente ignorados pela História oficial, revelando-se, assim, como artefato didático valioso para os desafios propostos pelas novas trilhas pedagógicas abertas pela Lei 11.645/08. Este estudo apresenta informações relativas ao processo de produção e edição desse conjunto de títulos e uma breve análise de alguns autores e suas obras. Tal literatura nos auxilia no combate ao epistemicídio de séculos de invisibilidade e apagamento dos saberes ancestrais das culturas e povos originários, incidindo sobre a razão eurocêntrica do currículo e da cultura escolar brasileira intransigente que resiste.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Culturas indígenas; Lei 11.645/2008.

Abstract

This article aims to present the results of a research study that identified and cataloged 194 titles of children's and young adult literary works addressing themes related to Indigenous cultures, produced from the 1980s and 2024 within the Brazilian publishing market. The study organized a digital database that compiled a diverse range of titles and authors published over the past four decades. This literary production intended for children and young people has brought to the school environment a variety of subjects, historicities, and worldviews historically ignored by official History, thus revealing itself as a valuable didactic tool for the challenges posed by the new pedagogical pathways opened by Law 11.645/08. This study presents information related to the production and editing processes of these collection of titles, along with a brief analysis of selected authors and their works. Such literature assists in combating the epistemicide resulting from centuries of invisibility and erasure of the ancestral knowledge of Indigenous cultures and peoples, challenging the Eurocentric reasoning of the rigid Brazilian school curriculum and culture.

Keywords: Children's and young adult literature; Indigenous cultures; Law 11.645/2008.

Introdução

A proposta de abordar neste artigo a temática indígena na literatura é fruto de um amplo estudo que vem sendo desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa “Educação, História, Decolonialidade”, que tem buscado, entre outras atividades, mapear e catalogar o que vem sendo produzido, nas últimas quatro décadas, pelo mercado editorial brasileiro para o público infantil e juvenil em relação às culturas africanas, afro-diaspóricas e indígenas. O interesse por tais temas tem gerado projetos de pesquisa, cursos de extensão universitária, participação em eventos acadêmicos, orientações de trabalho em nível de graduação e pós-graduação, cursos de formação de professores da educação básica, bem como publicação de artigos científicos (Alcanfor, Basso, 2024; Alcanfor, Panizzolo, 2025).

O trabalho de mapeamento e catalogação dessa produção editorial se ampliou a partir de 2022, com um estudo de pós-doutoramento desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo e, a partir desse primeiro levantamento, foram catalogadas 320 obras que abordam as culturas selecionadas na pesquisa.

Finalizado o primeiro estágio do estudo, demos continuidade ao projeto “Decolonialidade na literatura infantil e juvenil”, ampliando o número de obras catalogadas para 405 títulos e elegendo como recorte temporal para sua publicação os anos de 1980 a 2024. Tal recorte se justifica inicialmente pelo *boom* da literatura infantil, no final dos anos 1970, provocado pelas transformações em curso na sociedade e que denunciavam a defasagem existente entre as “novas leituras de mundo”, implícitas na Nova Literatura Infantil, e a “literatura preconceituosa ou ‘menor’ que ainda predominava nas escolas, através de manuais e procedimentos didáticos já superados” (Coelho, 2000, p. 09). Estendemos até 2024 devido à finalização do projeto de pesquisa.

Consideramos que o estudo não esgota toda a produção do período compreendido, nem temos tal pretensão, no entanto, ancorados nas categorias conceituais de Roger Chartier (1990, 2014), buscamos discutir alguns aspectos relativos à cadeia de produção do livro e às mudanças provocadas no mercado editorial brasileiro com o crescimento de novas produções que, consequentemente, circulam por diferentes espaços sociais, especialmente no escolar (Evangelista, Brandão, Machado, 1999; Lajolo, Zilberman, 2017; Cademartori, 2024) . Em tal perspectiva analítica, o sentido da obra literária não está restrito à relação entre texto e leitor,

mas considera as formas tipográficas pelas quais toda obra adquire sentido. Reconstituir esse processo exige considerar a relação existente entre três polos: “o texto, o objeto que serve de suporte e a prática que dele se apodera” (Chartier, 1990, p. 127).

Partindo da análise material do livro, as fontes elegidas no estudo foram pesquisadas em diversos acervos digitais: catálogos de editoras brasileiras, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Câmara Brasileira do Livro e em plataformas de e-commerce. Além do levantamento documental, organizamos um banco de dados e criamos um site onde estão hospedadas as informações coletadas no trabalho de campo. Para a organização dos dados utilizamos o padrão de metadados Dublin Core (DCMI - Dublin Core Metadata Initiative), que compreendem categorias detalhadas das obras literárias pesquisadas: título, título alternativo (obras que tenham subtítulos), criador (autor), contribuidor (ilustrador), assunto (palavras-chave), resumo (sinopse), descrição (prêmios), editora, edição, ano de publicação, tipo (virtual ou impresso), identificador (ISBN), fonte (site da pesquisa), idioma, nível de educação da audiência (infantil ou juvenil), extensão (quantidade de páginas), citação bibliográfica e arquivo (endereço do link da capa). Na segunda etapa da pesquisa, dados e metadados foram hospedados em uma página web construída com o software *Omeka S*, que permite o armazenamento livre e aberto de conteúdos e coleções digitais. Por meio dessa plataforma, todos os dados estão disponibilizados para o público em geral, favorecendo buscas avançadas e sua reutilização.

Com base nos dados coletados, elegemos como recorte do estudo obras infantis e juvenis que abordam as culturas e epistemologias dos povos originários. Para essa análise apresentamos as seguintes problemáticas: O que tem sido publicado de literatura infantil e juvenil pelo mercado editorial brasileiro em relação aos povos originários do Brasil? Como as culturas indígenas estão representadas nessas obras? Quais autores estão escrevendo sobre essas temáticas? Quais editoras têm investido nessas publicações? Qual a importância dessa literatura na escola?

O artigo está dividido em três partes: a primeira apresenta um panorama da produção literária de temática indígena e sua diversidade, a partir da organização do banco de dados, com quantificação de autores, etnias, editoras e títulos publicados. A segunda destaca aspectos característicos dessa produção literária no seu conjunto, além de oferecer breves comentários de algumas obras e seus autores. Nas considerações finais, salientamos a

relevância da presença dessa produção literária na escola como artefato estético e didático na perspectiva de construção de uma pedagogia decolonial.

A diversidade da produção literária de temática indígena

A partir do século XXI tem-se evidenciado grande avanço do mercado editorial brasileiro em relação à literatura infantojuvenil, com investimento em produtos originais, criativos e inovadores (Lajolo, Zilberman, 2017). A Lei complementar 11.645, de 10 de março de 2008, que alterou a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, fazendo incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. No entanto, Graça Graúna (2011) constata que ainda é bem maior a repercussão em torno da história e da cultura afro-brasileira, se comparada às indígenas. Tal problema vem de muito antes, considerando que a Constituição de 1988 não reconhece plenamente os direitos dos povos indígenas no Brasil e, com a criação da lei 10.639/2003, mais uma vez a presença indígena foi posta à margem, beneficiando um grupo étnico em detrimento de outros, assim provocando uma política de exclusão. “Ao sancionar essa lei, o governo brasileiro infelizmente abriu espaço para o predomínio da referência do invasor/colonizador quanto ao ensino da história e da cultura indígenas nas escolas” (Graúna, 2011, p. 237).

Cabe salientar que a Lei 11.645 é fruto da luta de lideranças dos povos originários, isto é, dos indígenas de cada nação com sua língua, sua cultura, sua tradição e espiritualidade diferenciadas da sociedade dominante. Mas não devemos esquecer que essa lei é também mais uma constatação de que a sociedade envolvente precisa conhecer seus limites, sua política de exclusão (Graúna, 2011, p. 252).

Sem perder o forte caráter da tradição oral (e ancestral), que é a base dos saberes indígenas, a literatura indígena brasileira contemporânea compõe-se de muitas vozes, marcadas pela pertença étnica de seus escritores/autores que passam a publicizar suas poéticas via mercado editorial (Dorrigo, 2018).

(...) o fato de um escritor indígena publicar um livro não significa que ele considera a escrita superior à oralidade, nem tampouco que a sociedade ocidental seja superior (e civilizada) à sua tradição étnica. Mas, por sua vez, que um diálogo intercultural se faz necessário entre povos indígenas e não indígenas. Tal ação justifica a adoção de estruturas simbólicas, como a escrita alfabética e a via editorial como estratégia consciente para dinamizar o pensamento indígena na sociedade envolvente (Dorrigo, 2018, p. 244).

Tal movimento literário fez emergir vozes indígenas, enunciadas desde a colonização, mas inseridas na sociedade de modo periférico por não adentrar o sistema de produção de conhecimento ocidental (Dalcastagnè apud Dorrico, 2018).

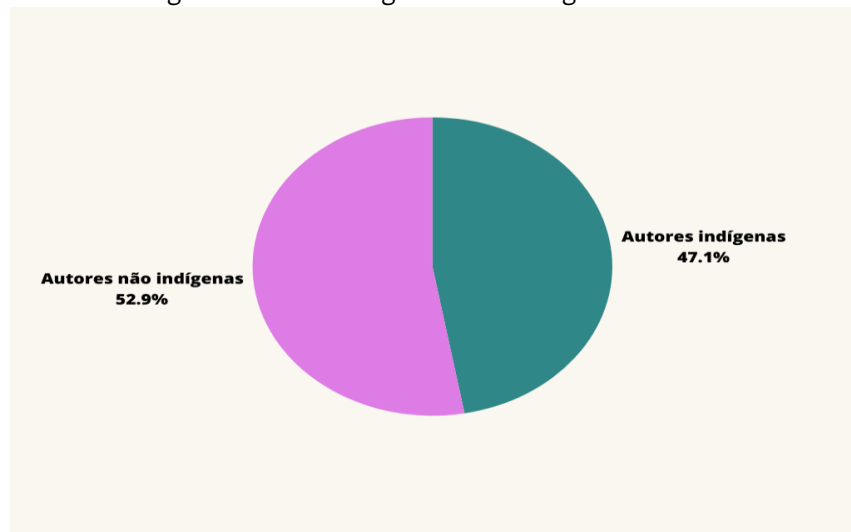
Trata-se de novos territórios de criação para crianças e jovens que se apresentam em um novo “indianismo”, no “amplo leque de temas e assuntos que, articulados a movimentos políticos e sociais, e incentivados por distintos discursos institucionais, políticos e estéticos, marcam a produção brasileira contemporânea” para tal segmento de mercado (Lajolo, Zilberman, 2017, p. 88).

Despido do exotismo que desde o século XVIII revestia a imagem do indígena presente na prosa e na poesia brasileira, o indígena que protagoniza a literatura infantil contemporânea é diferente. Não é um Peri, protagonista de *O Guarani* (1857), de José de Alencar (1829-1877), que, por amor à loira Cecília, rompe com sua tribo, por extensão, com sua etnia. Tampouco é uma Iracema, do livro homônimo (1865), que, por amor ao loiro Martim, colonizador português, abandona seu povo (Lajolo, Zilberman, 2017, p. 88).

Segundo Dorrico *et al.* (2018), a literatura indígena brasileira produzida a partir dos anos 1990 é um fenômeno político-cultural de autoafirmação e autoexpressão identitária que trouxe para o cenário político, social, cultural e literário as singularidades étnico-culturais e produções estético-literárias como forma de relato-denúncia da situação de exclusão, de marginalização e violência sofridas pelos povos indígenas brasileiros. Ela não é um fim em si mesma, mas um meio para uma práxis político-pedagógica de resistência, de luta, marcada pelo ativismo, pela militância e formação, na qual as diferenças assumem protagonismo central e escrevem outras histórias do Brasil.

Como resultado da pesquisa, mapeamos 194 títulos voltados à infância e à juventude que evidenciam em seu arcabouço as culturas e mitologias indígenas voltadas para infância e juventude. Essas obras apresentam temas relacionados à memória, infância, lendas, fábulas, mitos, a relação do homem com a natureza, entre outros temas. Desse conjunto, localizamos 70 autores brasileiros, 38 do sexo feminino e 32 do sexo masculino. Desse total, há 33 indígenas e 37 não indígenas. Dos 194 títulos pesquisados, 142 foram produzidos por autores originários das etnias Maraguá (AM), Avá-Guarani, Guarani (RJ), Tupinambá (BA), Tabajaras (CE), Munduruku (PA), Sateré-mawé (AM), Omágua (AM), Wapichana (RR), Waikhanã (AM), Fulni-ô (PE), Krenak (MG), Kaingáng (RS), Tapuia (GO), Kambeba (AM), Potiguar (PB), Kayapó/Mebêngôkre (MT/PA), Macuxi (RR), Kumarumã (AP), Payayá (BA/SE), Waikutesu (MT) e Pankará (PE).

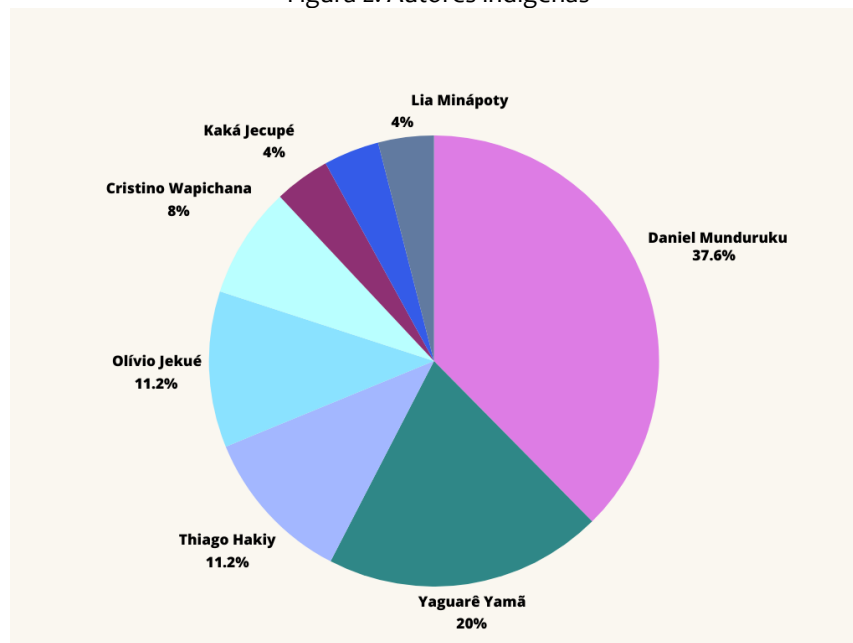
Figura 1: Autores indígenas e não indígenas



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Daniel Munduruku é o autor com mais títulos publicados, totalizando 47 obras catalogadas de literatura infantojuvenil. O segundo autor é Yaguarê Yamã (Maraguá), com 25 livros infantojuvenis, seguido de Thiago Hakiy (Sateré-mawé) e Olívio Jekupé (Guarani), cada um com 14 títulos mapeados. O quinto autor é Cristino Wapichana (Whapichana), com 10 títulos. Kaká Werá Jecupé (Tapuia), Roni Wasiry Guará (Maraguá) e Lia Minápoty (Maraguá) aparecem com 05 títulos cada, conforme sintetizamos no gráfico que segue.

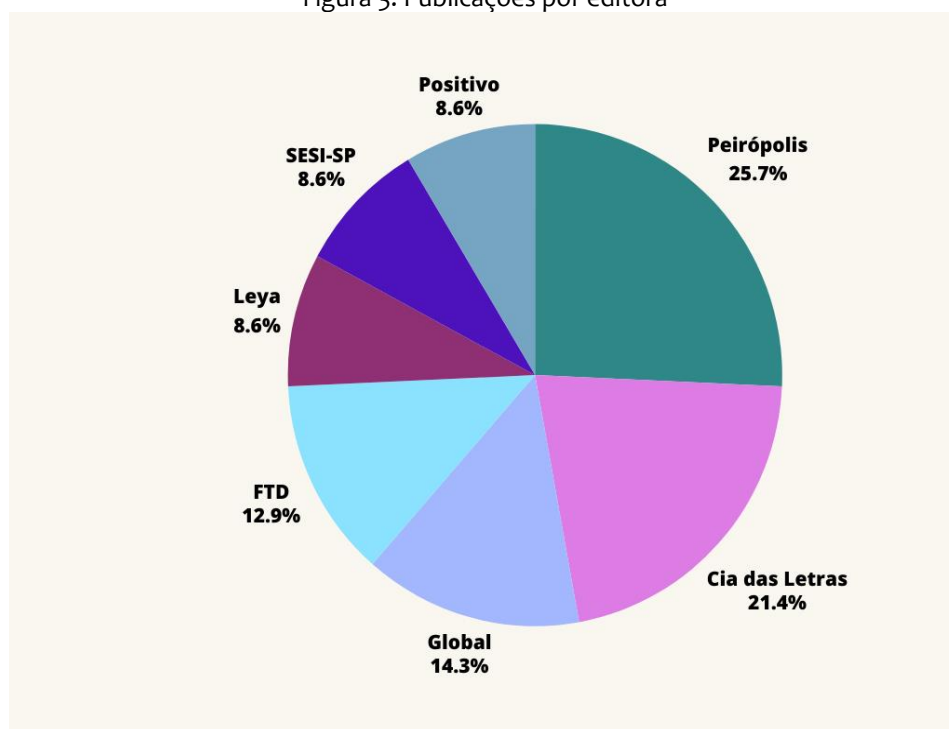
Figura 2: Autores indígenas



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Os títulos catalogados em nosso estudo, lançados dos anos 1980 até 2024, foram publicados por 69 editoras, algumas já extintas e outras bastante consagradas no mercado editorial brasileiro. Durante o período de levantamento de dados, a editora Peirópolis ocupou o primeiro lugar com maior número de títulos (18). Em seguida, a Companhia das Letras (15), Global (10), FTD (09), e SESI-SP, Leya e Positivo, com 06 títulos cada. Há, ainda, outras editoras com número inferior de obras.

Figura 3: Publicações por editora



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores

Com base nos dados apresentados, reafirmamos que a pesquisa não esgota a produção do período recortado para análise devido a limitações metodológicas, mas procurou mapear e catalogar o maior número possível de obras. A seguir apresentamos os 194 títulos que compõem nosso arcabouço literário de temática indígena:

Joel Rufino dos Santos: *O curumim que virou gigante* (1986) - **Ana Maria Machado:** *Maria Sapeba* (1996) - **Daniel Munduruku:** *Histórias de Índio* (1996); *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos* (2001); *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2001); *O diário de Kaxi - um curumim descobre o Brasil* (2001); *Kabá Darebu* (2022); *As peripécias do Jabuti* (2003); *Coisas de Índio: versão infantil* (2003); *O segredo da chuva* (2003); *O sinal do pajé* (2003); *Você lembra pai, pai?* (2003); *Contos indígenas brasileiros* (2004); *Histórias que eu ouvi*

e gosto de contar (2004); Sabedoria das águas (2004); Antologia de contos indígenas de ensinamentos: tempo de histórias (2005); Caçadores de aventura (2006); Catando piolhos, contando histórias (2005); Histórias que eu vivi e gosto de contar (2006); O onça (2006); Parece que foi ontem: Kapusu aco'i juk (2006); A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo: e outras histórias indígenas de amor (2007); O homem que roubava horas (2007); A palavra do grande chefe (2008); Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo (2008); Todas as coisas são pequenas (2008); A caveira-rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar (2010); O Karaíba: uma história do pré-Brasil (2010); Coisas de onça (2011); Como surgiu: Mitos indígenas brasileiros (2011); Um dia na aldeia: uma história munduruku (2012); Foi vovó que disse (2015); Saudade de amanhã (2015); Memória de índio - uma quase autobiografia (2016); Vozes ancestrais: dez contos indígenas (2016); O sumiço da noite (2019); A Origem dos filhos do estrondo do trovão - Uma história do povo Tariana (2020); Mundurukando 1: sobre saberes e utopias (2020); O olho bom do menino (2020); A chave do meu sonho, ou como um parafuso frouxo fez-me encontrar a chave e o sonho (2021); Minha utopia selvagem: um manifesto (2022); O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil (2022); Afete (2023); Redondeza (2023); Pertencimento (2023); Estações (2024) - **Daniel Munduruku e Heloisa Prieto**: Vó coruja (2014) - **Daniel Munduruku e Jaime Diakara**: Wahtirã: a lagoa dos mortos (2016) - **Daniel Munduruku e Honésio Munduruku**: Sawé: o grito ancestral (2022) - **Yaguarê Yamã**: Kurumi Guaré no coração da Amazônia (2007); Sehaypóri: o livro sagrado do povo saterê-Mawé (2007); As pegadas do curupyra (2008); Puratig: o remo sagrado (2009); Falando Tupy (2012); Contos da floresta (2012); Um curumim, uma canoa (2012); Yaguarãboia: a mulher onça (2012); A origem do beija-flor: Guanãby Muru-Gáwa (2012); Formigueiro de Myrakãwéra (2013); Pequenas guerreiras (2013); Morõgetá Witã: oito contos mágicos (2014); Japii e Jakãmi. Uma história de amizade (2014); Meu pai Ag'wã: lembranças da casa de conselho (2014); O caçador de histórias - Sehay ka'at haría (2019); O povo das histórias de assombração (2020); Guayarê: o menino da aldeia do rio (2020); Os olhos do Jaguar (2021); Cocarzinho amarelo (2022); Três curumins - como nascem os nomes indígenas (2023); Outros contos da floresta (2024) - **Yaguarê Yamã e Ikanê Alean**: Mairiporãga - Mitos indígenas do Sudeste (2024); Cratoãnas - Mitos indígenas do Nordeste (2024); Anavilhãnas - Mitos indígenas da Amazônia (2024) - **Tiago Hakiy**: Iwaipoáb. O verdadeiro encontro de amor (2007); Awyató-pót: Histórias indígenas para crianças (2011); Curumimzice (2014); Curumim (2014); Tupany: Um Menino Mawé (2014); A pescaria do curumim e outros poemas indígenas (2015); O canto do Uirapuru: Uma

história de amor verdadeiro (2019); Noçoquém - a floresta encantada (2019); Noite e dia na aldeia (2020); A origem dos bichos (2020); Guaynê derrota a cobra grande (2022); Abecedário Poético da Floresta (2024); Poemas para curumins e cunhantãs (2024) - **Thiago Hakiy, Daniel Munduruku, Cristino Wapichana e Roni Wasiry Guará:** Cada remada uma história (2023) - **Olívio Jekupé:** Arandu Ymanguaré (2002); Larandu: o cão falante (2002); Xereko arandu: a morte de Kretã (2002); Verá - O contador de histórias (2004); Ajuda o saci-Kamba í (2006); Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena (2011); O Tupã Mirim (2014); O presente de Jaxy Jaterê (2017); A volta de Tukã (2018); O saci verdadeiro (2021); As queixadas e outros contos guaranis (2021) - **Olívio Jekupé e Maria Kerexu:** A mulher que virou uruatu (2011); A história de piragui (2023) - **Olívio Jekupé; Tupã Mirim e Jekupe Mirim:** A explosão do Ojepotá (2023) - **Cristino Wapichana:** A onça e o fogo (2009); A oncinha Lili (2014); Sapatos trocados: Como o tatu ganhou suas grandes garras (2014); A boca da noite (2016); O cão e o curumim (2018); A cor do dinheiro da vovó (2019); Ceuci, a mãe do pranto: uma história indígena (2019); Chuva gente (2022); Fogo, gente (2023); Terra, rio e guerra - a sina de um curumim (2024) - **Kaká Werá Jecupé:** A terra dos mil povos: histórias indígenas brasileiras contadas por um índio (2000); As fabulosas fábulas de Lauaretê (2007); Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral guarani (2020); Uga: A fantástica história de uma amizade daquelas (2023); Corre, Cotia (2024) - **Rita Carelli:** A História de Akykysia, o Dono da Caça (2018); Das crianças Ikpeng para o mundo (2018); No tempo do verão = Ashi Osaretsippaiteki: um dia na aldeia Ashaninka (2018); Minha família Enauenê (2018) - **Rita Crelli e Xadalu Tupã Jekupé:** O caminho para a casa de barro (2023) - **Roni Wasiry Guará:** O caso da cobra que foi pega pelos pés (2009); Çaiçú Indé: O primeiro grande amor do mundo (2011); A árvore da vida (2014); Mondagará: Traição dos encantados (2019); Olho d'água – O caminho dos sonhos (2023) - **Lia Minápoty:** Com a noite veio o sono (2011); Lua menina e menino onça (2014); Tainãly, uma menina maraguá (2018) - **Lia Minápoty e Yagurê Yamã:** A árvore de carne e outros contos (2012) - **Lia Minápoty e Elias Yaguakãg:** Yara é vida (2018) - **Ana Carvalho:** Depois do ovo: a guerra = Priara jô: um dia na aldeia Panará (2018); A história do monstro Khátpy (2018); Palermo e Neneco: um dia na aldeia Mbya-Guarani (2018) - **Berenice Almeida e Magda Pucci:** A floresta canta! Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil (2014); Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena (2017); A grande pedra (2019) - **Márcia Wayna Kambeba:** O curumim Wirá e os encantados (2023); Infância da aldeia (2023); Cocar (2024) - **Vãngri Kaingáng:** Estrela Kaingáng: A lenda do primeiro pajé (2016) -

Vāngri Kaingang e Maurício Negro: *Jóti, o tamanduá* (2010) - **Sulamy Katy:** *Nós Somos Só Filhos!* (2013); *Meu lugar no mundo* (2021). **Celso Sisto:** *Francisco: Gabiroba Tabajara Tupã* (1990); *Vozes da floresta: lendas indígenas* (2011) - **Graça Graúna:** *Criatura de Ñanderu* (2009); *Flor da mata* (2013) - **Elias Yaguakãg:** *Aventuras do Menino Kawã* (2010); *Historinhas Marupiaras* (2011); *Tykuã e a Origem da Anunciação* (2014) - **Auritha Tabajara:** *A árvore do caju* (2024) - **Auritha Tabajara e Paola Tôrres:** *Tuiupé e o maracá mágico* (2024) - **Claudio Fragata:** *O tupi que você fala* (2015); *Abecê do Macunaíma: O herói da nossa gente* (2024) - **Renê Kithãulu:** *Irakisu: o menino criador* (2020) - **Hernâni Donato:** *Por que o sol anda devagar* (2003) - **Béatrice Tanaka:** *No país do Jabuti: contos e mitos indígenas do Brasil* (2006) - **Vera do Val:** *A criação do mundo e outras lendas da Amazônia* (2008) - **Graça Lima:** *Abaré* (2009). **Ely Macuxi:** *Ipaty, o curumim da selva* (2011) - **Braulio Tavares:** *A invenção do mundo pelo Deus-Curumim* (2012) - **Juliana Schrodén:** *A aventura de Abaré* (2012) - **Ana Luísa Lacombe:** *A árvore de tamoromu* (2013) - **Judy Goldman:** *O sapo e o deus da chuva: um conto do povo Yaqui* (2013) - **Lucia Tucuju:** *De Bubuia com vovó Anica* (2013) - **Nancy Caruso Ventura:** *A anta, os tracajás e as estrelas* (2013) - **Orlando Villas Boas e Claudio Villas Boas:** *Histórias do Xingu* (2013) - **Adriana Mendonça:** *Menino-arara* (2014) - **Antenor Ferreira Jr:** *A morada de Tupã* (2014) - **Fernando Vilela:** *Tapajós* (2014) - **Yêda Marquez:** *A lenda do menino encantado* (2014) - **Ana Miranda:** *Menina Japinim* (2015) - **Márcia Leite:** *Poeminhas da terra* (2016) - **Dulce Seabra e Sérgio Maciel:** *Curumim Abaré imitando os animais* (2016) - **Vera Pereira:** *Brasil, os indígenas e a flor primavera* (2017) - **Maté:** *Poemas da minha terra tupi* (2018) - **Maurício Negro:** *Nós: uma antologia de literatura indígena* (2019) - **Valéria Macedo:** *Aldeias, palavras e mundos indígenas* (2019) - **Donaldo Buchweitz:** *Tulu: em busca de um lugar para viver* (2020) - **Moara Tupinambá:** *O sonho da Buya-wasú* (2020) - **Edson Kayapó:** *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* (2020) - **Jeguaká Mirim; Tupã Mirin:** *Contos dos curumins guaranis* (2021) - **Lilia Moritz Schwarcz:** *Uma amizade (Im)possível: as aventuras de Pedro e Aukê no Brasil colonial* (2022) - **Reginaldo Prandi:** *Contos e lendas da Amazônia* (2022) - **Claudino Djagwa Ka'agwy Kara'i Tukumbó:** *As aventuras de Kara'i Tukumbó* (2023) - **Geni Núñez:** *Jaxy Jaterê* (2023) - **Paula Taitelbaum:** *Cadê Cadê* (2023) - **Ana Sélia Rodrigues Novaes e Thiago Emanuel Rodrigues Novaes:** *Sou pankara sou indígena do sertão de Pernambuco* (2023) - **Luã Apyká:** *Mandí reko – O conto de Mandí* (2023) - **Maria Lucia Takua Peres:** *Chapeuzinho verde* (2023) - **Ademario Ribeiro Payayá:** *Os indígenas, a Mãe Terra e o bem Viver* (2024) - **Ailton Krenak:** *Kuján e os meninos sabidos* (2024) - **Ikanê Adean:** *Kunumã* (2024).

Narrativas insurgentes para crianças e jovens

Essa literatura de temática indígena vem sendo construída em diálogo permanente com a diversidade das tradições orais de que são originárias, ampliando de forma significativa nossas experiências leitoras a partir do contato com diferentes textualidades. Oferece ao leitor poéticas e cosmovisões não europeias que registram pela escrita experiências históricas, culturais e estéticas que desafiam nossa sensibilidade e estimulam o diálogo intercultural.

Como ensina Nelly Novaes Coelho, “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (Coelho, 2000, p. 27). Como artefato cultural, a literatura é a arte da palavra que significa e diz o mundo. Uma janela para a diversidade do ser humano e suas histórias, seus encontros e desencontros, suas lutas e questionamentos sobre a vida.

A literatura de temática indígena traz visibilidade a diversas culturas silenciadas e estigmatizadas historicamente. Suas autoras e autores narram histórias da tradição oral de sociedades não letradas, todavia não desprovidas de criação estética e interrogação física e metafísica deliberada. “Ao usar a literatura para transmitir e formar sua consciência artística e intelectual, elas não são, em essência, diferentes daquelas que vivem em contextos em que a escrita prevalece” (Finnegan, 2016, p. 86).

Nesse sentido, uma característica que diferencia a literatura oral e a escrita está nas suas diferentes formas de circulação social. Em comunidades letradas, o fenômeno acontece prioritariamente através da palavra escrita, enquanto que “em comunidades não letradas ou semiletradas a disseminação se dá oralmente para que haja *comunicação enquanto literatura*. Isso significa que, em contexto oral, *a literatura é compreendida como performance* tanto quanto como sequência de palavras” (Finnegan, 2016, p. 87, grifos nossos). São enredos que representam e documentam saberes ancestrais, tramas faladas, contadas e encenadas para serem ouvidas ou assistidas no contato direto entre os autores e o seu público.

Ao longo das últimas décadas, esse patrimônio literário oral transcendeu os territórios e as formas de expressão de suas comunidades de origem e foi traduzido e recriado para a linguagem escrita, extravasando sua poética para o domínio mais amplo da cultura brasileira, oferecendo-se a um público maior e sobretudo não indígena como artefato cultural. Relatos

transmitidos oralmente de geração a geração desde tempos imemoriais, histórias de ouvir e contar, que se espalharam de boca a ouvido e que por sua força se transmutaram “em palavra escrita dos livros, em que a imaginação dos que as escreveram juntou novas passagens, interpretações, entrelinhas e subentendidos, pois quem conta às vezes aumenta um ponto” (Prandi, 2022, p. 10-11).

Os textos literários originários de diversas culturas e comunidades indígenas que tratam dos primórdios dos tempos e do mundo também nos informam sobre o cotidiano dessas comunidades nativas, suas tradições, suas línguas e crenças, seus conhecimentos, hábitos e costumes. Nessa produção literária, encontramos obras que denominamos como indigenistas, ou seja, aquelas produzidas por autoras e autores não indígenas, mas que optaram por trabalhar em suas obras o patrimônio literário oral indígena. No entanto, entendemos que os gêneros textuais e literários são sobretudo gêneros culturais, portanto construídos a partir de visões de mundo, conceitos, contextos e poéticas que guardam subjetividades e particularidades específicas que se manifestam em diferentes tipos de textos. Nessa perspectiva, percebemos uma literatura realizada pelos próprios indígenas, segundo as modalidades discursivas que lhes são próprias. Vale um esclarecimento aqui sobre o entre-lugar cultural dessa produção literária.

Ela está localizada entre a oralidade e a escrita, entre línguas nativas e europeias, entre tradições literárias europeias e indígenas, entre sujeição e resistência. Textos bilíngues, em especial os textos infanto-juvenis, são elaborados em língua nativa e em língua portuguesa e utilizados como material didático em várias comunidades e escolas indígenas para promover o letramento das crianças nativas (Thiél, 2016, p. 92).

Uma perspectiva literária eurocêntrica comumente vincula os textos literários nativos aos gêneros literários ocidentais, classificando-os como lendas ou mitos. Porém, vale lembrar que, para as culturas indígenas, o mito não é sinônimo de mentira ou fantasia, pelo contrário, ele não se resume a um simples relato de eventos passados ou primordiais, constituindo-se num sistema de pensamento e uma via de acesso ao conhecimento. O mito, para as culturas indígenas, está associado ao cotidiano, ao efêmero, ao atemporal e ao metafísico, não é uma simples narrativa, algo estático ou fixo, mas uma ação, portanto uma pedagogia, que atualiza o mito em vários dos seus ritos comunitários, fazendo circular entre as gerações a planta material de seus modelos civilizatórios e formativos.

As comunidades indígenas historicamente se constituíram em redutos de resistências contra os inúmeros processos de desumanização, silenciamento, violência física e simbólica

inerentes à colonização, consolidando-se em territórios de proteção, memória e identidade cultural. Nesse sentido, uma característica que nos parece muito apropriada para a leitura e a busca de significados e sentidos nessa produção literária indígena e indigenista vincula-se às cosmovisões encantadas que fundamentam essa literatura. São perspectivas epistêmicas não disjuntivas do mundo, da vida e dos homens, modelos civilizatórios que não separam o visível e o invisível, o divino e o humano, o sagrado e o profano, homem e natureza. O encanto se apresenta como fundamento político e poético que confronta as limitações da chamada consciência disjuntiva das mentalidades europeias. “De caráter cosmopolita, o encantamento não exclui o outro como presença possível de trançar diálogo. Por primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encante não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade” (Simas, Rufino, 2020, p. 7 - 8).

Tal perspectiva nos oferece um caminho eficaz para nos contrapor às lógicas que querem compreender a vida em um único modelo civilizatório, no caso o europeu, inevitavelmente ligado a um senso produtivista e utilitário da experiência social e estética. Portanto, o encante como literatura se revela como uma pulsão de vida e beleza que pode atravessar leitores indígenas e não indígenas, revelando-lhes uma poética e uma política da vida como força de resistência à pulsão de morte que caracteriza o colonialismo e a colonialidade e seu projeto de dominação, silenciamento, esquecimento e aniquilação das culturas indígenas.

Como exemplo dessa arte da palavra escrita que resiste, significa e diz o mundo, destacamos, na produção literária indigenista, a obra do historiador e escritor negro Joel Rufino dos Santos, *O curumim que virou gigante* (1986). É um texto pioneiro que conta a história de Tarumã, um menino indígena que desejava muito ter uma irmã, mas, como seu sonho não se realizava, começou a imaginar que a maninha realmente existia e a inventar sobre ela para as crianças da aldeia. Na pescaria, enquanto as crianças pegavam um peixe, Tarumã pegava dois e dizia que o outro era para a sua irmã. Então os pequenos companheiros também começaram a querer presentear a irmã de Tarumã: um curumim deu um tapiti, outro uma igaçaba, uma flor, um tiê piranga, pitangas, seguidas de outros tantos presentes. No entanto, na hora de mostrar sua irmã para as crianças da aldeia, Tarumã sempre inventava uma desculpa e nada de nada de a menina aparecer. Até que as crianças começaram a

desconfiar que era tudo invenção do amigo. O menino começou a ficar com tanta vergonha que ela foi aumentando e se transformou em “vergonhão”. Ele saiu pelo mundo e andou sem coragem de voltar. Chegou à beira do mar e se deitou de costas, esticou os pés, as mãos, o pescoço e virou uma montanha. “Quando você chega no Rio de Janeiro, você não vê um gigante deitado não? Os pés são o Corcovado. É Tarumã. Bem em cima da cara dele tem uma estrela. Mas não é estrela não, gente. O que Tarumã está olhando é a irmãzinha dele” (Santos, 1986, p. 24).

O autor fundamenta a sua trama narrativa numa estética encantada do mundo, muito característica das culturas indígenas, em que adultos ou crianças podem, sim, se transformar em montanhas, rios, árvores ou plantas, se oferecendo como representação literária para o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos e visões de mundo dos povos nativos da sua cidade natal, o Rio de Janeiro.

Em *Contos e lendas da Amazônia* (2022), o escritor Reginaldo Prandi, sociólogo e pesquisador da mitologia afro-brasileira, se debruça sobre as culturas indígenas e caboclas da Amazônia. A obra reúne 25 contos sobre a criação do mundo físico – os rios, as estrelas, a lua, a noite –, bem como sobre heróis e personagens míticos característicos da região. As histórias abordam os mistérios dos encantamentos de gente que vira bicho, bicho que vira gente, gente e bicho que viram rios, estrelas e montanhas, plantas que já foram homens, mulher ou criança. Uma experiência sempre viva em permanente estado de transformação. “Nada é o que já foi. Nada é a mesma coisa sempre. São os mistérios dos encantamentos, a magia da transformação acontecendo em um mundo ao mesmo tempo real e imaginário: a Amazônia” (Prandi, 2022, p. 9), cenário onde se movem personagens memoráveis e inventores de novos destinos, outros jeitos de ser e viver, outros espelhos que refletem o que somos, ou que desejamos ser.

São histórias que tratam de sonhos, desejos, ideias e motivações universais. Originalmente, lendas de uns poucos que viviam nas pequenas aldeias escondidas na floresta ou nas comunidades enganchadas na margem dos rios. Histórias indígenas e caboclas, e as surgidas também nas cidades, onde a encantaria integrava o pensamento da maioria. Histórias que, com o tempo, romperam os limites dos grupos em que foram criadas e extravasaram para o domínio mais amplo da cultura brasileira nacional. E que viraram patrimônio cultural de todo um país, como se elas também sofressem, de algum modo, seu encantamento (Prandi, 2022, p. 10).

A edição traz ainda um compêndio bibliográfico e de fontes orais coletadas na região amazônica, bem como um apêndice com um glossário de informações relevantes sobre a

floresta, o rio Amazonas e seus afluentes, com mapas e desenhos que abordam a fauna da região, bem como a diversidade da sua população e seus modos de vida.

Destacamos na produção literária indígena a obra *Contos da floresta* (2012), *Outros contos da floresta* (2024) e *Guayarê: o menino da aldeia do rio* (2019), todos escritos, e esse último também ilustrado, por Yaguarê Yamã, amazonense e filho do povo Maraguá, por origem materna, e Sateré por parte de pai. É geógrafo, escritor, professor, ilustrador e ativista da causa indígena. Em *Contos da floresta*, reúne seis histórias de rir e assustar originárias da tradição Maraguá, povo conhecido por suas narrativas de assombração, que falam da vida e da natureza, reverenciando a bravura e a verdade, articuladas aos princípios civilizatórios e aos conhecimentos Maraguá, temperadas com humor e uma boa dose de suspense e encanto. O sucesso literário dessas narrativas fez nascer *Outros contos da floresta*, que apresenta nove enredos de assombrações carregados de humor e peripécias vividas pelos *enjerados, visajentos e encantados*, seres que habitam a floresta amazônica e representam a vida cotidiana.

Em *Guayarê: o menino da aldeia do rio*, uma publicação bilíngue em Língua Portuguesa e Maraguá, o personagem central da narrativa, o pequeno Guayarê, nos convida a conhecer a aldeia Yaguawajar do povo Maraguá – etnia indígena do estado do Amazonas, habitantes tradicionais do rio Abacaxis (Guarinamã), localizado nos municípios de Borba e Nova Olinda do Norte. Falantes da Língua Portuguesa, do Sateré e do Maraguá. Uma comunidade de aproximadamente 300 pessoas que moram em frente a uma praia, às margens do rio, onde cada família tem seu porto e, à tardinha, os moradores esperam pescadores chegarem trazendo canoas cheias de peixes.

Na Língua Maraguá, Guayarê é um nome próprio que significa pequeno vale da alegria. O texto nos informa sobre a organização da comunidade, tradições e ritos de passagem da infância à vida adulta, a família, os amigos, os bichos e a escola indígena com seus saberes e fazeres. A edição conta ainda com um glossário de palavras em Maraguá e um apêndice com curiosidades sobre as populações indígenas e sua distribuição no território nacional, além de comentários sobre as diversas arquiteturas das aldeias, as peculiaridades de várias culturas indígenas, costumes e formas de vida cotidiana.

As serpentes que roubaram a noite e outros mitos (2001), de Daniel Munduruku, faz parte da Coleção Memórias Ancestrais do Povo Munduruku e consta de uma série de histórias

contadas pelos mais velhos. Batizadas de mitos, tais histórias quase sempre falam da origem de tudo e são sempre transmitidas de forma oral, carregadas na memória do povo e recontadas por aqueles que “dominam a tradição oral e sabem como ninguém contar essas histórias que nos remetem a um tempo muito distante de nossos dias” (Munduruku, 2001, p. 07).

Ilustrado por crianças Munduruku da aldeia Katô, o livro está dividido em pequenas historietas, uma das quais, *O começo de tudo*, prepara os curumins para os mistérios, segredos e tradições, *corpus* das narrativas orais.

O conhecimento das tradições é passado por meio dos mitos – histórias das realizações dos heróis indígenas. (...) Elas contam a criação do universo, das pessoas, do fogo, do céu, da mandioca, da noite e do dia, dos animais. Falam da vida e da morte, das doenças e das curas. Discorrem sobre o respeito que se deve ter à natureza e sobre os castigos que sofrerão aqueles que desobedecerem. As crianças e os adultos ouvem as histórias dos mais velhos, a quem respeitam muito por sua sabedoria e conhecimento das coisas da vida (Munduruku, 2001. p. 52).

O primeiro conto, *Origem dos Munduruku*, narra como surgiu esse povo, criado pelo Grande Ser, Karu Sakaibê. Munduruku significa “formigas gigantes”, que faziam tremer em debandada, a partir do ruído que faziam com os pés, todos aqueles que apresentassem alguma ameaça. Tal etnia dominou, por muitas e muitas luas, a região do rio Tapajós, onde desenvolveram a arte da caça e um conjunto de práticas de sobrevivência e de guerra que amedrontavam os inimigos. Segue a narrativa com a história *Quando mandavam as mulheres*, *Como surgiram os cães*, *As serpentes que roubaram a noite* e *A morte da velha bruxa*.

Ao final do livro o leitor poderá conhecer um pouco mais sobre a etnia desse povo poderoso e guerreiro a partir de sua fama de *caçadores de cabeça*. Terá informações de quem são hoje, espalhados pelos estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas, saberá como é a vida nas aldeias, seus jogos e brincadeiras, como é a escola, a importância da narrativa oral e como brigam entre si.

Para esse escritor, sem sombra de dúvida o mais conhecido autor de literatura infantojuvenil indígena, essa escrita promove o reencontro da memória, já que a escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. “A memória é ao mesmo tempo, passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que, por sua vez, abrigam elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo da história” (Munduruku, 2018, p. 82).

Considerações finais

A presença dessa literatura na escola se justifica pelo fato de fazer emergir no cotidiano escolar diferentes sujeitos, historicidades e visões de mundo que foram historicamente relegados às margens da nação Brasil, ou simplesmente ignorados pela História oficial, revelando-se, assim, como artefato didático valioso para os desafios propostos pela Lei 11.645/2008. Essa literatura vem provocando educadores e a sociedade a repensar os silêncios e os esquecimentos no currículo escolar brasileiro, oferecendo-se como um acervo didático interdisciplinar, de extraordinário valor estético para mobilizar educadores na direção dos desafios impostos para a descolonização do currículo e o combate ao epistemicídio das culturas indígenas na cultura escolar brasileira.

Como aponta Graça Graúna, é preciso reconhecer o direito ao pensamento e à literatura indígena (oral ou escrita) como um direito fundamental, que estimula a nossa reflexão sobre a literatura escrita dos povos indígenas no Brasil e suas interfaces, “a começar pela estreita relação que mantém com a literatura de tradição oral, com a história de outras nações excluídas (as nações africanas, por exemplo), com a mescla cultural e outros aspectos fronteiriços que se manifestam na literatura estrangeira e, acentuadamente, no cenário da literatura nacional” (Graúna, 2011, p. 257).

Na contracorrente da colonialidade eurocêntrica, essa literatura nos oferece novas possibilidades de visitação e releitura do passado, explicitando historicidades, formas de pensar, ser e viver estigmatizadas pelo pensamento ocidental, abrindo, assim, novas perspectivas de interpretação do passado. Essa nova produção literária, além de um testemunho, afirma o direito à memória e à História de povos e culturas silenciadas no processo histórico moderno. Nos auxilia, ainda, a apresentar às crianças e jovens outros repertórios culturais que questionam os regimes de verdade mantidos pela colonialidade escolar, abalando fronteiras epistêmicas e fazendo emergir sujeitos, povos e culturas considerados sem História. As cosmovisões e os modelos civilizatórios presentes nessa literatura, livres das oposições disjuntivas como “cultura/natureza, corpo/saberes, arte/vida”, atravessaram a modernidade, afrontando violências e recontando suas histórias. “Ainda que ignoradas e catalogadas como índices de raças inferiores, artes e literaturas subestimadas” persistiram em performances e “esparcos sinais vitais ‘entre-lugares’, atualizando alteridades e espaços de autonomia” (Antonacci, 2014, p. 334).

O trabalho formativo a partir dessa produção literária exige dos educadores uma pedagogia descolonial e antirracista, pois a presença dessa literatura na escola é uma forma de intervenção estética feita para incidir sobre uma razão escolar eurocêntrica intransigente que resiste, fazendo emergir narrativas e memórias como experiências de luta e reexistência. Há que se ler as poéticas das culturas que se pronunciam nessa literatura para se entender os princípios civilizatórios e as historicidades extra ocidentais de que são portadoras, outras temporalidades, formas de organização social e política, outras artes e conhecimentos que celebram. Um artefato cultural, estético e pedagógico eficaz e decisivo diante dos desafios atuais da educação brasileira.

Referências

- ALCANFOR, Lucilene Rezende; BASSO, Jorge Garcia. Ensino de História, Literatura e Memória. **Capoeira - Revista de Humanidades e Letras**, v. 01, p. 339-367, 2024.
- ALCANFOR, Lucilene Rezende; PANIZZOLO, Claudia. Decolonialidade na literatura infantil e juvenil: uma nova história a ser contada. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 23, p. 01-18, 2025.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2014.
- BASSO, Jorge Garcia. O axé de antigos itãs como literatura. **Revista Estudos Afro-Brasileiros**, Itanhaém, v. 3, n. 1, p. 503-530, jan./jun. 2022.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina A. da Silva (Orgs.) **História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos**. São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014.
- COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 227-255.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FINNEGAN, Ruth. O significado da literatura em culturas orais. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). **A tradição oral**. Belo Horizonte FAE/UFMG, 2016, p. 61-98.

GRAÚNA, Graça. Educação, literatura e direitos humanos: visões indígenas da lei 11.645/08. **Educação & Linguagem**, v. 14, n. 23/24, 231-260, jan.- dez. 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma outra / nova história**. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Org.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 81-83.

PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas da Amazônia**. São Paulo: Seguinte, 2022.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O curumim que virou gigante**. São Paulo: Ática, 1986.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política da vida**. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural, **Revista Literartes**, vol. 5, 2016, p. 88-99.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Guayarê: o menino da aldeia do rio**. São Paulo: Biruta, 2019.

YAMÃ, Yaguarê. **Outros contos da floresta**. São Paulo: Peirópolis, 2024.

Sobre os autores

Lucilene Rezende Alcanfor

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Pós-doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É professora do Instituto de Humanidades e Letras na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira, Campus Malês/BA.

E-mail: lucilenealcanfor@unilab.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9844-1925>

Jorge Garcia Basso

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

E-mail: jorgebasso@unilab.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1027-1985>

Cecília Costa Moreira

Graduada em Humanidades e atualmente cursando Pedagogia pela Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus Malês/ BA.

E-mail: ceciliacostamoreira33@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4946-8030>

Recebido em: 04/07/2025

Aceito para publicação em: 14/08/2025